

Vol XIII, Núm 2, jul-dez, 2021, pág. 337-356.

A PSICOLOGIA AMBIENTAL E OS ESTUDOS PESSOA AMBIENTE: CONEXÕES INTERDISCIPLINARES COM A VÁRZEA AMAZÔNICA E SEUS SUJEITOS

Klaudia Yared Sadala

Tânia Suely Azevedo Brasileiro

Resumo

O contexto multifacetado da relação pessoa-ambiente é confirmado nos cenários ambientais da Amazônia e, em especial, nas experiências sociais e subjetivas das populações ribeirinhas, das florestas e do campo e sua inter-relação com o ambiente social, cultural e geográfico. Mediante estes desafios, os conhecimentos e metodologias relativas às Ciências Ambientais e a Psicologia Ambiental (PA) encontram dialogicidade e oportunidades de estudo, nos permitindo ainda realçar o percurso histórico e particular que a relação de homens e mulheres com a terra nos revela, apontando as especificidades nos modos de vida e sua conexão com a construção de subjetividades nestes contextos vivenciais e suas particulares relações com os territórios. Este estudo está categorizado como de natureza bibliográfica, com recorte temporal, espacial e temático. Neste sentido, a demarcação temporal da investigação deve ser circunscrita entre os meses de janeiro a julho de 2019; como contexto espacial as produções encontradas nas bases de dados do *scielo*, banco de teses e monografias de universidades federais brasileiras, as quais produzem referenciais específicos dos temas abordados neste artigo. A PA se distancia qualitativamente de outras formas de se perceber e se trabalhar os aspectos ambientais, permitindo a inclusão de elementos psicossociais e afetivos, em uma perspectiva de pessoa e ambiente vistos de forma integrada. Neste sentido, as relações pessoa-ambiente no cenário amazônico, em especial o contexto de vida dos ribeirinhos, está envolto de múltiplas relações simbólicas de espaço e de lugar, em uma mescla de interdependências dos recursos relativos ao rio, à floresta e à terra, bem como dos recursos e trocas sociais e arcabouço cultural que emana das relações sócio historicamente constituídas e reconhecidamente construtoras de subjetividades intrínsecas aos seus modos de vida.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental; Ciências Ambientais; Várzea amazônica; Populações tradicionais na Amazônia

ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY AND PERSON-ENVIRONMENTAL STUDIES: INTERDISCIPLINARY CONNECTIONS WITH THE AMAZONIAN VARZEA AND ITS SUBJECTS

Abstract

The multifaceted context of the person-environment relationship is confirmed in the environmental scenarios of the Amazon and, in particular, in the social and subjective experiences of riverside populations, forests and countryside and their interrelation with the social, cultural and geographical environment. Faced with these challenges, the knowledge and methodologies related to Environmental Sciences and Environmental Psychology (PA) find dialogicity and study opportunities, allowing us to highlight the historical and particular path that the relationship of men and women with the land reveals to us, pointing out the specificities in the ways of life and their connection with the construction of subjectivities in these experiential contexts and their particular relations with the territories. This study is categorized as bibliographic in nature, with a temporal, spatial and thematic focus. In this sense, the temporal demarcation of the investigation must be circumscribed between the months of January to July 2019; as a spatial context, the productions found in the *scielo* databases, thesis bank and monographs of Brazilian federal universities, which produce specific references of the

themes covered in this article. BP is qualitatively distanced from other ways of perceiving and working with environmental aspects, allowing the inclusion of psychosocial and affective elements, in an integrated perspective of the person and the environment. In this sense, the person-environment relations in the Amazonian scenario, especially the riverside life context, is surrounded by multiple symbolic relations of space and place, in a mixture of interdependencies of the resources related to the river, the forest and the land, as well as the resources and social exchanges and cultural framework that emanates from the historically constituted social relations that are known to build subjectivities intrinsic to their ways of life.

Keywords: Environmental Psychology; Environmental Sciences; Amazonian floodplain; Traditional populations in the Amazon.

PSICOLOGÍA AMBIENTAL Y ESTUDIOS PERSONA-AMBIENTALES: CONEXIONES INTERDISCIPLINARES CON LA VARZEA AMAZÓNICA Y SUS SUJETOS

Resumen

El contexto multifacético de la relación persona-ambiente se confirma en los escenarios ambientales de la Amazonía y, en particular, en las vivencias sociales y subjetivas de las poblaciones ribereñas, los bosques y el campo y su interrelación con el entorno social, cultural y geográfico. Ante estos desafíos, los conocimientos y metodologías relacionadas con las Ciencias Ambientales y la Psicología Ambiental (AP) encuentran dialogicidad y oportunidades de estudio, lo que nos permite resaltar el camino histórico y particular que nos revela la relación de hombres y mujeres con la tierra, señalando las especificidades en los modos de vida y su conexión con la construcción de subjetividades en estos contextos vivenciales y sus relaciones particulares con los territorios. Este estudio se categoriza como de carácter bibliográfico, con un enfoque temporal, espacial y temático. En este sentido, la demarcación temporal de la investigación debe circunscribirse entre los meses de enero a julio de 2019; como contexto espacial, las producciones encontradas en las bases de datos scielo, banco de tesis y monografías de universidades federales brasileñas, que producen referencias específicas de los temas tratados en este artículo. BP se aleja cualitativamente de otras formas de percibir y trabajar los aspectos ambientales, permitiendo la inclusión de elementos psicosociales y afectivos, en una perspectiva integrada de la persona y el entorno. En este sentido, las relaciones persona-ambiente en el escenario amazónico, especialmente el contexto de vida ribereña, está rodeada de múltiples relaciones simbólicas de espacio y lugar, en una mezcla de interdependencias de recursos relacionados con el río, el bosque y la tierra, así como con la naturaleza. recursos e intercambios sociales y marco cultural que emana de las relaciones sociales históricamente constituidas que se sabe que construyen subjetividades intrínsecas a sus formas de vida.

Palabras llave: Psicología ambiental; Ciencias Ambientales; Llanura aluvial amazónica; Poblaciones tradicionales en la Amazonía

INTRODUÇÃO

A problemática do meio ambiente é extremamente complexa, o que nos impulsiona a planejar estudos que primem por um olhar interdisciplinar que integre a relação entre sociedade, natureza e desenvolvimento, atuando na produção de conhecimento permeada pela relevância social. Nas Ciências Ambientais, os problemas de pesquisa são intrínsecos às atividades sociais, econômicas e tecnológicas, e a interdisciplinaridade uma emergência oriunda destas atividades, as quais têm se

configurado em fortes demandas contemporâneas.

No que tange a Amazônia, as relações deste tripé traduzem-se nos modelos históricos de ocupação dos territórios, nos processos ecológicos e na sociobiodiversidade, refletindo-se em preocupações de caráter social, econômico, étnico e nos importantes impactos socioambientais (CALLEGARI, 2010). A relação pessoa-ambiente é resultado de processos históricos e sociais, conjuntura esta que demonstra os desafios de se inserir e pensar alternativas que assegurem a preservação de culturas, modos de vida, valores e saberes de homens e mulheres no contexto das populações tradicionais na Amazônia. (LIMA; POZZOBON, 2005).

Nesta perspectiva, o contexto multifacetado da relação pessoa-ambiente é confirmado nos cenários ambientais da Amazônia e, em especial, nas experiências sociais e subjetivas das populações ribeirinhas, das florestas e do campo e sua inter-relação com o ambiente social, cultural e geográfico. Mediante estes desafios, os conhecimentos e metodologias relativas às Ciências Ambientais e a Psicologia Ambiental (PA) encontram dialogicidade e oportunidades de estudo, nos permitindo, ainda, realçar o percurso histórico e particular que a relação de homens e mulheres com a terra nos revela, apontando as especificidades nos modos de vida e sua conexão com a construção de subjetividades nestes contextos vivenciais e suas particulares relações com os territórios.

A proposta de estudo interdisciplinar apresenta uma visão conciliatória entre os aspectos contextuais dos fenômenos e busca sair do isolamento do objeto em relação ao seu meio. A percepção dinâmica da relação existente entre as partes que compõem determinado fenômeno é assim compreendida e mediada pelas disciplinas em diálogo, questionando o alcance dos conhecimentos disciplinares tradicionais (MORIM, 2007; TEIXEIRA, 2004; PHILIPPI Jr.; SILVA NETO, 2011). Neste sentido, permite também uma abordagem crítica e dialógica dos fenômenos, tal qual Japiassu (1976, p. 127) contribui conceitualmente, ao afirmar que “a interdisciplinaridade se define por uma crítica das fronteiras das disciplinas, e de sua compartimentação”, destacando a eficiência das respostas quando diferentes áreas científicas dialogam.

A Psicologia Ambiental possui um caráter agregador em suas proposições de pesquisa, compreendendo pessoa e ambiente integrados aos contextos físicos (natural ou construído), social, cultural, histórico e subjetivo. É reconhecida como uma área de

atuação e de pesquisa e incorpora diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas, as quais não se baseiam somente na Psicologia, mas na Sociologia, Antropologia, Planejamento Urbano, Arquitetura, Ecologia, dentre outras áreas que investigam a temática socioambiental, possibilitando uma multiplicidade de olhares investigativos (ITTELSON *et al.*, 2005; MOSER, 2005). A PA guarda em seus pressupostos uma visão pessoa-ambiente dentro de uma totalidade, num processo de troca dialógica em que pessoa e ambiente se constituem em uma relação mútua, com base nas inter-relações, considerando as condições do ambiente sobre os comportamentos individuais e coletivos (GÜNTER; PINHEIRO; GUZZO, 2004).

As transformações políticas, econômicas e sociais do mundo contemporâneo têm alterado profundamente o cenário espacial da Amazônia brasileira, ajudado a negligenciar a existência de populações que ocupam tradicionalmente essa região, que tem uma forte dependência de seus recursos naturais (FERREIRA, 2013). Ferreira (2013) e Cruz (2008) destacam e reforçam a pluralidade dos atores e das relações que produzem e ressignificam o entorno amazônico, gerando uma multiplicidade de fenômenos e uma heterogeneidade cultural de seus habitantes. O contexto histórico da ocupação humana na Amazônia tem como protagonista ambiental a várzea, a qual guarda uma multiplicidade de processos ecológicos, sociais e de trabalho, pois, a sazonalidade do rio promove adaptações nas atividades produtivas e nos processos de apropriação de recursos através das cheias e vazantes do rio.

Calegari, Higuchi e Forsberg (2013) reforçam que o reconhecimento do papel dos povos e comunidades tradicionais, bem como a manutenção da biodiversidade têm permitido o diálogo e a valorização da sociodiversidade amazônica. Este reconhecimento, segundo Higuchi e Higuchi (2012), inclui esta complexa inter-relação entre natureza e cultura, pelo conhecimento tradicional no manejo dos recursos, o qual vem contribuindo para legitimar as definições das chamadas “populações tradicionais”, cujos sujeitos encontram-se em longo processo de interação com o meio ambiente, em espaços de grande biodiversidade.

Mediante este panorama apresentado, este artigo tem como objetivo apresentar os “achados” bibliográficos que demonstram a base interdisciplinar da Psicologia Ambiental, as quais nos permitem realizar conexões com o contexto socioespacial amazônico, buscando a correlação dos conceitos da PA atrelados ao modo

de vida de comunidades ribeirinhas de várzea e sua forma particular de vivenciar essa relação pessoa-ambiente. Estes achados subsidiaram parte de uma tese de doutorado da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), no município de Santarém/PA, em um Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais.

É relevante pensar que quando falamos que as questões ambientais são questões humano-ambientais (POL, 1993), estamos ressaltando que as relações das pessoas com seu ambiente, o modo como os espaços influenciam o comportamento dos indivíduos, os significados atribuídos a eles e os processos psicológicos subjacentes a cada situação, devem ser considerados para permitir a leitura mais aprofundada desta relação (CAVALCANTE; ELALI, 2018).

O contexto vivencial das comunidades amazônicas permite uma incursão no universo de pesquisa a partir do cenário geográfico amazônico brasileiro, voltando sua atenção para estes atores, os quais são percebidos neste estudo como sujeitos de ação/transformação, sendo afetados pelas incertezas deste novo momento. Os desdobramentos e impactos socioambientais das relações pessoa-ambiente na Amazônia, devem ser pensados no bojo das relações de ação/transformação nos espaços que guardam relações políticas e identitárias.

Para os contornos deste estudo, a população estudada é contextualizada a partir das relações socioespaciais e dos aspectos sócio-históricos que produzem significados de pertencimento a esses sujeitos e a esta coletividade (CRUZ, 2008). As particularidades intrínsecas aos modos de vida dos povos na Amazônia nos desafiam a analisar os processos afetivos relativos ao lugar, a partir das características e particularidades simbólicas das comunidades amazônicas, nas ações de apropriação do espaço, as quais podem possibilitar a compreensão sobre os impactos nas relações pessoa-ambiente.

Acreditamos ser de fundamental importância revelar estas questões, as quais reproduzem o universo simbólico e particular na díade pessoa-ambiente e deve ser observada de forma dinâmica, assumindo a concepção de que o entorno é produto da ação-reação destes sujeitos, em uma perspectiva transacional de mútuas influências.

MÉTODOS

Este estudo está categorizado como de natureza bibliográfica, com recorte temporal, espacial e temático, por serem condições imprescindíveis neste formato de pesquisa, pois demarcam explicitamente o contexto deste tipo de estudo, seus limites e possibilidades. Segundo Teixeira (2012), os estudos bibliográficos configuram-se como um método de pesquisa que se realiza por meio de uma revisão bibliográfica sobre a produção/compilação de determinada temática em uma área de conhecimento específica.

Neste sentido, a demarcação temporal da investigação deve ser circunscrita entre os meses de janeiro a julho de 2019; como contexto espacial as produções encontradas nas bases de dados *Scielo*, Banco de Teses e Monografias da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Núcleo de altos estudos amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA);– Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Universidade Federal do Ceará (UFC), através da análise de artigos publicados em revistas científicas, monografias de mestrado e teses de doutorado, produzidas ao longo dos últimos 10 anos (2009-2019).

Este recorte temático teve como base referenciais bibliográficos capazes de contemplar temas que preveem a relação entre: psicologia ambiental e relação pessoa-ambiente, populações ribeirinhas da Amazônia, várzea amazônica e mais especificamente, a associação destes com os processos históricos e socioambientais intrínsecos ao contexto amazônico e seus contornos e atravessamentos culturais. Vale salientar que foram utilizados os seguintes descritores para a busca: “várzea amazônica”, “populações ribeirinhas”, “relação pessoa-ambiente”, “psicologia ambiental”.

Resultados e discussão

A compreensão e a abordagem interdisciplinar implicam em uma visão sistêmica e contextual dos fenômenos. Japiassu (1976, p. 127) contribui conceitualmente afirmando que “a interdisciplinaridade se define por uma crítica das fronteiras das disciplinas, e de sua compartimentação”, percebendo que a especificidade das áreas consegue dar respostas eficientes a determinados fenômenos. O conhecimento científico disciplinar moderno tem apresentado limitações para alguns tipos de

problemas, os mais complexos, e nesta perspectiva, a proposta interdisciplinar vem como uma resposta à fragmentação causada pelo conhecimento epistemológico positivista, generalizador e desintegrador (MORIN, 2011; PHILIPPI Jr.; LAKATOS, 1978).

A ideia de disciplina se constituiu ao longo de vários séculos como uma categoria organizadora dentro do conhecimento científico, estabelecendo a divisão e a especialização do trabalho, direcionando a autonomia de certa área de conhecimento, com suas técnicas, sua linguagem e definindo fronteiras de conhecimento (KLEIN, 2008). Neste sentido, o conhecimento científico disciplinar moderno tem apresentado limitações para alguns tipos de problemas e a proposta interdisciplinar busca responder à fragmentação causada pelo conhecimento epistemológico positivista, generalizador e desintegrador (LAKATOS, 1978; MORIN, 2007; PHILIPPI Jr.; SILVA NETO, 2011).

A proposta de estudo interdisciplinar apresenta uma visão sistêmica e conciliatória entre os aspectos totalizantes e contextuais dos fenômenos, e busca sair do isolamento do objeto em relação ao seu meio ambiente. Segundo Latucca (2001), as disciplinas são formas poderosas de se dominar uma temática, porém, podem restringir o saber científico, como quadros conceituais que delimitam os problemas de pesquisa, os tipos de métodos empregados para investigação dos fenômenos e as respostas que são consideradas legítimas.

Nesta perspectiva, a problemática socioambiental na Amazônia brasileira anseia por estudos que contemplem toda a sua multiplicidade de fatores e características intrínsecas a cada macro e microrregião. Diante disso, é urgente pensar em alternativas que primem por abordagens sustentáveis na relação pessoa-ambiente, situando o sujeito em sua ação/interação/ transformação com o ambiente, que não é apenas físico, mas simbólico e produto das diversas relações históricas e sociais que demarcam estilos de vida e produzem, inevitavelmente, mudanças nos ambientes, permitindo-nos interpelar sobre as questões psicossociais e humano-ambientais inerentes a estas modificações.

O enredamento da temática socioambiental na perspectiva interdisciplinar se propõe a fornecer uma compreensão mais ampla da interconexão entre os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos, econômicas e subjetivos. Para Gunther, Pinheiro e Guzzo (2004), as temáticas que tratam da relação recíproca entre os ambientes e as pessoas também ganharam espaço de discussão em outras áreas do conhecimento como

a Arquitetura, Planejamento Urbano, Geografia Humana/Social, Educação Ambiental entre outras, situação que expressa a transversalidade e a relevância destas discussões.

Pinheiro (2006) reforça a importância do entendimento dos problemas ambientais na área da Psicologia, os quais tem ganhado visibilidade a partir do surgimento de uma disciplina - Psicologia Ambiental. A PA tem sua origem de organização teórica dentro e fora da Psicologia, e este é um dos motivos que a fazem ser percebida como uma disciplina transdisciplinar. Para Pinheiro (1997), as questões ambientais devem ser tratadas como humano-ambientais, pois, o autor compreende que todas as crises e dilemas ambientais devem ser interpretados como crises das pessoas no ambiente. Nesse sentido, Kuhnen (2002) afirma que as questões ambientais não interpelam apenas a natureza, mas questionam toda a constituição de uma sociedade.

Valera (1996) defende ser necessário contextualizar a Psicologia Ambiental dentro de seus componentes disciplinares, incorporada às Ciências Humanas e à Psicologia Social Aplicada, pois contempla uma parte significativa de suas referências teóricas, epistemológicas e metodológicas. Em segundo plano, situar a PA dentro do conjunto de disciplinas relacionadas com o estudo do ambiente, natural ou construído, em uma considerável rede de ciências extensa e complexa. Pinheiro (1997) destaca que a PA padece de alguns problemas em sua base, pois se formou a partir de “duas raízes teóricas: uma externa à Psicologia, e outra interna. Considerar essa dupla natureza é fundamental para uma compreensão adequada da área e de suas dificuldades na produção de uma identidade teórica” (PINHEIRO, 1997, p. 382); na visão do autor, estas influências se inter cruzam e produzem diferentes nuances teóricas e práticas.

Corroborando Gunther, Elali e Pinheiro (2008, p. 1) anunciam: “o conjunto pouco homogêneo de áreas de estudo e a variedade de formação dos pesquisadores na PA são reflexos de uma complexidade característica dos componentes comportamentais e ambientais dos estudos pessoa-ambiente e da interação entre eles”, pois, a PA tem sua história articulada a outras disciplinas, anteriormente anunciadas. Kuhnen (2009) realça que a PA também tem se consolidado como campo teórico e metodológico na Psicologia, investigando demandas relacionadas às questões humano-ambientais, colaborando com temas que são oriundos dela e temas amplos e não exclusivos da PA, porém, a elucidação a partir dela é essencial para a produção de estudos transversais nas Ciências Humanas, Sociais e Ambientais.

Para Gunther, Elali e Pinheiro (2008), refletir a complexidade da interface pessoa e ambiente é pensar em estudos de PA que primem por uma abordagem social, crítica, interdisciplinar e com métodos de pesquisa que contemplem a dialogicidade dos fenômenos nas questões humano ambientais, tendo em sua centralidade trabalhos e pesquisas que relacionem comportamentos e/ou estados subjetivos das pessoas e as características ambientais.

Melo (1991) afirma que o surgimento do campo da Psicologia Ambiental se deu a partir do fim da Segunda Guerra, com a reconstrução por inteiro das cidades através de programas habitacionais em larga escala, em que arquitetos e profissionais da construção civil se uniram aos cientistas do comportamento humano e juntos defenderam a ideia de que as construções deveriam corresponder, além das necessidades já conhecidas, às necessidades psicológicas das pessoas que iriam ocupar esses locais (CANTER; CRAIK, 1981).

Segundo Cavalcante e Elali (2011), a PA inicia sua trajetória no contexto brasileiro na década de 1970, a partir da tradução e publicação de livros e artigos editados no exterior; já na década 1990, os grupos de pesquisa começam a se interligar às universidades e a desenvolver estudos vinculados à laboratórios, permitindo um maior desenvolvimento deste campo de estudo e ampliação das discussões para outros centros de pesquisa, envolvendo uma multiplicidade de pesquisadores e uma variabilidade de abordagens metodológicas, características que evidenciam a amplitude temática da PA e seus desafios.

Para Valera (1996, p. 1), a PA “se ocupa de analisar as relações que, à nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos”, neste sentido, Kuhnen (2009, p. 17) anuncia que a PA “pressupõe o homem não apenas como uma existência psíquica e social, mas também como física, que ocupa um lugar, um espaço com propriedades específicas onde vai desenvolver as suas atividades”. Guzzo (2006) destaca também que a PA busca compreender o as pessoas em todo o seu contexto físico e social, as relações estabelecidas com o meio, dando enfoque às percepções, atitudes, avaliações ou representações ambientais e ao mesmo tempo considera os comportamentos associados a essa relação. Além disso, Moser (1998) defende que a PA contempla a dimensão temporal e preserva a noção de historicidade das relações, as quais ocorrem em um espaço de tempo e guarda uma relação bastante especial entre o

passado e a possibilidade de prospectar o futuro das relações.

Para Campos-de-Carvalho, Cavalcante e Nóbrega (2011), a compreensão do termo ambiente é essencial para a compreensão do objeto de estudo da PA, uma vez que ela integra as discussões da relação dinâmica e multifacetada que se estabelece entre as pessoas e o ambiente. Pessoa e ambiente são vistos em constante diálogo e em permanente estado de interação e transformação. A noção de ambiente para a Psicologia Ambiental assume um caráter multidimensional, “uma vez que incorpora o meio físico e concreto no qual se constroem as relações sociais, este meio pode ser natural ou construído, e passa a assumir uma condição indissociável das demais condições expressadas e constituídas naquele meio específico” (CAMPOS-DE-CARVALHO; CAVALCANTE; NÖBREGA, 2011, p. 43).

Segundo Moser (2005), a perspectiva de análise da PA perpassa a análise da relação pessoa-ambiente em quatro níveis de referência espacial: o microambiente, os ambientes de proximidade, ambientes coletivos e ambiente global; desta forma, é considerado o espaço privado do sujeito, como por exemplo, a moradia, o bairro, os parques e os espaços verdes, os ambientes públicos, as cidades e os ambientes voltados à sociedade de modo geral.

Além da compreensão do termo ambiente, a compreensão dos estudos pessoa-ambiente propostos pela PA, também perpassam pelas especificidades de definições dos termos espaço e lugar, pois são elementos analíticos que atravessam todas as discussões e assumem uma perspectiva teórica e política, necessitando serem mais bem detalhados. Partimos das contribuições de Yi-Fu-Tuan, geógrafo humanista de orientação fenomenológica, e uma das referências neste debate. Ele desenvolve o conceito de topofilia para traduzir a importância emocional que os espaços geográficos assumem na experiência humana (TUAN, 1983).

O autor citado trata da afetividade produzida pela humanidade e sua relação com o conceito de lugar, o qual se torna lugar pelas trocas afetivas que lá são possíveis de ocorrer. Os espaços seria(m) o(s) ambiente(s) possível(is) de percorrer, porém sob os quais ainda não se tem uma relação simbólica e de afeto tão presentes. Ele afirma que “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos e o dotamos de valor...as ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p. 6). Já Bomfim (2010, p. 4) diz que

“transformar os espaços em lugares é então dotá-los de um valor, atribuir-lhes um significado, e principalmente formar laços de identificação”, o que também anuncia a relação entre o tempo e a construção de lugares significativos, expressando a conexão com a temporalidade para a construção de lugares simbólicos.

Para Moser (2001), a subjetividade e os espaços cotidianos convergem em processos de significação e identificação mútuos. Kuhnen (2002) pensa o lugar dentro de uma dialogicidade, na qual estão implicadas natureza, cultura e construção social da realidade. Tuan (1983, p. 4) complementa afirmando que “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. Bomfim (2010, p. 4), destaca que “o simbolismo do espaço se traduz nesta relação do indivíduo com o lugar, que transcende uma visão de espaço como cenário, onde as pessoas vivem seu cotidiano despojado de uma construção social”.

Contudo, Castells (2000) destaca que é necessário situar o espaço como parte de um conjunto na estrutura social geral e que dialoga com outras formas e processos produzidos historicamente. Gottdiener (1997) aborda sobre o tema defendendo que o espaço é construído a partir de uma relação dialética com as transformações sociais e culturais. O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental.

Confirma o autor, anunciando que “o espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade de engajar-se na ação” (GOTTDIENER, 1997, p. 127), traduzindo assim a centralidade do sujeito e sua ação transformadora no espaço. Tuan (1983) reforça que o conceito de lugar está ligado ao caráter simbólico que o ambiente físico tem para o sujeito e/ou para determinado grupo, se configurando em um ambiente em que emerge afetividade, constituído por objetos naturais e/ou componentes sociais que se consolidam como referenciais para o sujeito.

Mediante a apresentação dos conceitos de ambiente, espaço e lugar para a Psicologia Ambiental, é importante perceber a conexão destes com o cenário socioambiental amazônico e seus atores.

Na Amazônia, os rios e seus movimentos sazonais são importantes elementos norteadores das relações, em especial dos residentes da várzea, sendo considerados uma via determinante de acesso aos territórios, utilizados como meio de

transporte de pessoas, animais, alimentos e cargas das mais diversas, transportadas em embarcações de pequeno, médio e grande porte. Calegare, Higuchi e Forsberg (2013) afirmam que a Amazônia guarda uma especial relação entre seus habitantes e o rio, se constituindo no principal elemento geográfico de ocupação e povoamento desde os primórdios da colonização até o presente momento.

Para Higuchi e Higuchi (2012), o ambiente natural figura como referência em relação ao espaço social, ambos em constante dialogicidade, retratam os aspectos socioculturais próprios das pessoas naquele ambiente. Ferreira (2013) reforça a importância do entendimento das formas mais antigas de produção do espaço amazônico, advindas de seus primeiros habitantes, que aliados a outros agentes sociais produziram um padrão sócio espacial conhecido como rio-várzea-floresta. Esse padrão rio-várzea-floresta está centrado em um elemento natural fundamental: *o rio e todas as suas representações, mudanças e recursos*. Calegare, Higuchi e Forsberg (2013) e Fraxe, Witkoski e Miguez (2009) afirmam que a relação do ribeirão com o rio é permeada por uma proximidade física, a qual inclui a satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência, aliadas às questões simbólicas do espaço, incorporando elementos culturais e históricos.

Nesta perspectiva, cabe apresentar algumas considerações sobre a constituição socioespacial da várzea amazônica brasileira e a organização social dos seus sujeitos. Fraxe, Witkoski e Miguez (2009, p. 36) descrevem que as áreas de várzea se caracterizam “por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios, que regulam os ciclos de vida da biota local e conseqüentemente regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas”. Esta sazonalidade se organiza com base em um período de um ano, quando a maior porção dessa planície está submersa (em torno de quatro a cinco meses) e faz parte do ambiente aquático; no período posterior, o que prevalece é o ambiente terrestre. Devido ao fluxo sazonal, a decomposição de nutrientes é renovada, permitindo à várzea uma característica de área eutrófica, ou seja, uma área rica em nutrientes.

Zitzke (2005) enfatiza em seus estudos, a exemplo dos ribeirinhos residentes em áreas de várzea, que as vivências neste contexto de sazonalidade produzem relações bastante especiais entre sociedade e natureza e esta relação contribui para a construção de um conjunto de valores, onde o rio assume papel fundamental na elaboração de

saberes e práticas desta população. Importante ressaltar que as construções políticas e identitárias destes povos, guardam complexas interações sociais, ambientais e de apropriação de território, permitindo segundo Benchimol (2009), uma formação social e cultural complexa.

Para Fraxe, Witkoski, Lima e Castro (2006), este padrão enchente-cheia-vazante-seca promove uma concepção de tempo não cronológico, mas ecológico, um percurso temporal cíclico, impactando no mundo vivido dos habitantes da várzea pela dimensão do tempo das águas. Nesta perspectiva, as populações humanas residentes nestas configurações espaciais necessitam assumir ações estratégicas para prover a sua organização social, e para a adaptação espacial pela alternância entre as fases aquáticas e terrestres, implicando na coordenação de atividades produtivas específicas para cada ciclo. A seguir imagem ilustrativa de uma comunidade ribeirinha de várzea, na cheia dos rios.

Figura 1 - Comunidade ribeirinha de várzea (cheia do rio Amazonas)



Fonte: Acervo de pesquisadora (SADALA, 2019).

Nesse sentido, Calegare, Higuçgi e Forsberg (2013) afirmam que as características essenciais dos ribeirinhos residentes na várzea amazônica são a sua flexibilidade e resiliência, explicadas e justificadas pela sua história e relação com os elementos espaciais que os circunscrevem. Higuchi e Higuchi (2012) reforçam a estreita relação das populações ribeirinhas com os recursos físicos e naturais, em especial os providos pela floresta e pelo rio, perfazendo um complexo de relações sociais, culturais, históricas e assumindo significados existenciais na produção destas

subjetividades.

Ao analisar a identidade ribeirinha na Amazônia, temos que refletir que não é a simples localização que decide a construção desta identidade, mas sim “os processos, as relações socioespaciais e histórico-culturais que engendram um sentido e um sentimento de pertencimento” (CRUZ, 2008, p. 55), atravessadas de elementos constitutivos de experiências localizadas em um tempo e um espaço. O ribeirinho é um personagem protagonista da paisagem amazônica, devendo ser visto como pessoa/sujeito com todo seu aporte cultural e histórico. Fraxe (2004). Fraxe, Pereira e Witkoski (2007) conceituam ribeirinho ou *Ribereño* na Amazônia, como a forma de nomear os povos que habitam a margem dos rios, que vivem da extração, manejo de recursos da floresta, dos recursos aquáticos (rios, lagos e igarapés) e da agricultura familiar. Segundo Fraxe *et al.* (2009), os ribeirinhos são sujeitos nascidos na região amazônica, que em suas relações com o rio, a terra e as florestas criaram sua própria visão de mundo, práticas de trabalho, crenças e costumes, permitindo contornos e relações socioambientais peculiares.

Importante enfatizar que o sentimento que desenvolvemos em relação a alguns lugares contribui fortemente para definir nossa identidade, enriquecê-la com valores e significado (GIULIANI, 2004). As atividades produtivas e de subsistência dos ribeirinhos se mesclam com as suas principais atividades cotidianas e se materializam dialeticamente no espaço geográfico e nas relações sociais e familiares. Nesta perspectiva, Cruz (2008) aponta uma relação de simbiose dos ribeirinhos com a natureza, seus ciclos de vida, cheias e vazantes dos rios, e toda dinâmica social, espacial e identitária que emerge destes contextos.

Calegari, Higuchi e Forsberg (2013) defendem que todas estas condições produzem relações de afeto, pois pessoas e grupos podem sentir-se ligados a lugares que reconhecidamente provém suas necessidades de sobrevivência como: alimento, abrigo, água, moradia, demonstradas nos estudos sobre o apego à floresta amazônica, à exemplo do estudo realizado por Rosa (2014) e Sadala (2020). Neste sentido, as relações pessoa-ambiente no cenário amazônico, em especial o contexto de vida dos ribeirinhos, está envolto de múltiplas relações simbólicas de espaço e de lugar, em uma mescla de interdependências dos recursos relativos ao rio, à floresta e à terra, bem como dos recursos e trocas sociais e arcabouço cultural que emana das relações sócio

historicamente constituídas e reconhecidamente construtoras de subjetividades intrínsecas aos seus modos de vida. Nesta concepção, pessoa e ambiente definem-se e modificam-se mutuamente. Estas formas de análise convergem para perspectivas teóricas que privilegiam os aspectos psicossociais e relacionais, incluindo os vínculos cognitivos e afetivos que produzem dimensão importante da identidade do sujeito (BOMFIM, 2010),

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colaboração com diferentes áreas temáticas reflete a riqueza da Psicologia Ambiental (PA) enquanto campo de estudo, retratando sua significativa contribuição e aplicação em pesquisas e a necessidade de sua visibilidade para a comunidade científica nacional e internacional, especialmente no que tange aos diferenciados conhecimentos sobre o contexto socioambiental dos sujeitos da Amazônia. A PA se distancia qualitativamente de outras formas de se perceber e se trabalhar os aspectos ambientais, permitindo a inclusão de elementos psicossociais e afetivos, em uma perspectiva de pessoa e ambiente vista de forma integrada. Kuhnen (2009) destaca que a partir desta compreensão se impõem duas premissas: a de que o ambiente é partícipe na construção social da realidade e a de que todos os nossos comportamentos têm sua ocorrência em determinado meio físico.

Assim, o estudo ora apresentado pretende incitar novas pesquisas e reflexões nas áreas das Ciências Ambientais e da Psicologia Ambiental, trazendo a emergência dos aspectos psicossociais inerentes aos sistemas sociais amazônicos no cenário socioambiental de várzea, contribuindo para a problematização das questões ambientais e atividades de pesquisa e/ou extensionistas que necessitem de uma abordagem ampliada sobre as relações pessoa-ambiente no cenário amazônico e as possibilidades de ação/transformação entre seus sujeitos e seu entorno socioambiental para a compreensão mais profunda de sua identidade.

Anseia também produzir referenciais relevantes para as mais diversas áreas de conhecimento que se ocupem da relação pessoa-ambiente na Amazônia, em especial para produções interdisciplinares, com a possibilidade de construções de redes colaborativas de produção de conhecimento, pautados nas relações histórica e existencial destes sujeitos com o uso da terra, em uma dialogicidade transformadora. Almeja ainda colaborar para a ampliação do arcabouço teórico conceitual, gerando inquietações/subsídios para fomentar novas ou revisar políticas públicas existentes, além de dar maior visibilidade ao entorno socioambiental amazônico, a partir do respeito às identidades amazônicas.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, S. **Amazônia: Formação social e cultural**. 3. ed. São Paulo: Valer, 2009.
- BOMFIM, Z. Á. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Edições UFC: Fortaleza, 2010
- CALEGARE M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G.; FORSBERG, S. Desafios metodológicos ao estudo de comunidades ribeirinhas amazônicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 571-580, 2013.
- CALEGARE, M. G. A. **Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas**. 2010. 322 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03052010-163111/>. Acesso em: 01 nov. 2017.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M. I.; CAVALCANTE, S.; NÓBREGA, L. M. Ambiente. In.: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CANTER, D.; CRAIK, K. H. Environmental Psychology. **Journal of Environmental Psychology**, v. 1, p. 1-11, 1981.
- CASTELLS, M. Materials for an exploratory theory of the network society1. **The British Journal of Sociology**, v. 51, n. 1, p. 5-24, 2000.
- CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

- CRUZ, V. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In.: TRINDADE JÚNIOR, S.; TAVARES, M. (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008.
- FERREIRA, L. dos S. **Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- FRAXE, T. J.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.
- FRAXE, T. J.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Ciência e Cultura**, v. 61, n. 3, 2009.
- FRAXE, T. P. **Cultura Cabocla Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.
- GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- GÜNTHER, H.; PINHEIRO, O. J.; GUZZO, R. **Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2004. 196 p.
- GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. **A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações**. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2008. (Textos de Psicologia Ambiental, 23). Disponível em: <www.psiambiental.net>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- GUZZO, R. S. L. **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com o seu meio**. Campinas: Alínea, 2006.
- HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental**. Manaus: INPA/CNPQ, 2012. p. 1-15.
- HOMMA, A. O. Reservas Extrativistas: uma opção de desenvolvimento viável para a Amazônia? **Pará Desenvolvimento**, v. 25, p. 38-48, 1989.
- ITTELSON, W. H. et al. **Homem ambiental**. Brasília, DF: UNB, 2005. p. 1-9. (Textos de Psicologia Ambiental, 14). Disponível em: <<http://www.psiambiental.net/pdf/14HomemAmbiente.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- KLEIN, J. T. Evaluation of interdisciplinary and transdisciplinary research: a literature review. **American journal of preventive medicine**, v. 35, n. 2, p. S116-S123, 2008.
- KOLLER, S., MORAES, N. A., CERQUEIRA-SANTOS, E. Adolescentes e Jovens Brasileiros: Levantando Fatores de Risco e Proteção. In: LIBÓRIO, R., KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e Juventude: Risco e Proteção na Realidade Brasileira**. São Paulo, 2009.
- KUHNEN, A. Interações Humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. In: KUHNEN, A. CRUZ, R. M.; TAKAZI, E. **Interações pessoa-ambiente e saúde**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- KUHNEN, A. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- LAKATOS, I. **The methodology of scientific research programmes**. New York: Cambridge University Press, 1978. v. 1.
- LATTUCA, L. R. **Creating interdisciplinarity: Interdisciplinary research and teaching among college and university faculty**. Nashville: Vanderbilt University Press, 2001.
- LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 45-76, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200004>. Acesso em: 10 set. 2017.
- MELO, R. G. C. Psicologia Ambiental, uma nova abordagem da Psicologia. **Psicologia-USP**, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51771991000100008&>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- MORIM, J. **Ribeirinhos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2014. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MOSER, G. Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. In.: TASSARA, E. (Org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC, 2001.
- MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estud. psicol.**, v. 3, n. 1. jan./June 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1998000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 21 mar. 2016.

PHILLIPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. S. **Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011.

PINHEIRO, J. Q. El tiempo en las relaciones persona-ambiente: alfabetización para la sostenibilidad. In.: AMÉRIGO, M.; CORTÉS, B. (Orgs.). **Entre la persona y el entorno**. Intersticios para la investigación medioambiental. La Laguna, Tenerife: Resma, 2006. p. 13-41.

PINHEIRO, José Queiroz. **Psicologia Ambiental**: a busca de um ambiente melhor. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997. (Estudos em Psicologia). Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em 23 abr. 2017.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. Iñiguez; E. Pol (Orgs.). **Cognición, representación y apropiación del espacio** Barcelona, España: Universitat de Barcelona. 1996. (Monografies Psico-socio-ambientals, 9). p. 45-62. Disponível em: <http://www.ub.es/escult/docus2/Villes.doc>. Acesso em: 10 out. 2017.

ROSA, D. da C. C. B. **Teorias sobre a Floresta e Funções de apego**: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SADALA, Klaudia Yared. **Estudo pessoa-ambiente-gênero a partir da vivência das terras caídas numa várzea amazônica**: análise do afeto ao lugar em Fátima de Urucurituba no Eixo forte/Santarém-PA, 2020. 213 f. Tese (Doutorado em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pará (no prelo)

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: academia da ciência e da pesquisa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG**, n. 1, jul. 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1930. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VALERA, S. Psicologia ambiental: bases teóricas y epistemológicas. In.: IÑIGUEZ, L.; POL, E. (Eds.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universidad de Barcelona Publicacions, 1996. p. 1-14. Disponível em: <http://www.ub.es/escult/docus2/Villes.doc>. Acesso em: 10 out. 2017.

ZITZKE, V. A. Estudo socioeconômico e cultural das famílias ribeirinhas do Médio Rio Tocantins. **Interface**, v. 2, p. 32-39, maio 2005.

Recebido: 20/4/2021. Aceito: 14/6/2021.

Autoras:

Klaudia Yared Sadala - Doutora em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND) pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Psicóloga. Membro do grupo de pesquisa PRAXIS UFOPA.

E-mail: klaudia.sadala@gmail.com

Tânia Suely Azevedo Brasileiro- Universidade Federal do Oeste do Pará- Professora Titular da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), docente permanente nos doutorados Sociedade, Natureza e Desenvolvimento (PPGSND/UFOPA) e Educação na Amazônia (Rede EDUCANORTE/PGEDA), e no mestrado acadêmico em Educação (PPFE/ UFOPA). Pós doutora em Psicologia (IP/USP). Doutora em Educação (URV/ES- FE/USP). Psicóloga e Pedagoga. Líder do grupo de pesquisa PRAXIS UFOPA/CNPq. Orientadora do estudo.

E-mail: brasileirotania@gmail.com